

Fundo não estimula debate de novo acerto com o País

Apesar de possibilidade ainda não ser descartada, fontes alegam que tema não está em pauta

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Fontes do Fundo Monetário Internacional desestimularam ontem versões sobre um possível “acordo de transição” com o Brasil, que restaure a confiança do mercado e contenha os danos econômicos já provocados pelas incertezas da campanha presidencial. “Não temos nada a acrescentar ao que o presidente Fernando Henrique Cardoso disse na sexta-feira”, afirmou um porta-voz, referindo-se à declaração na qual o chefe do gover-

no afirmou não ter conhecimento de nenhuma sondagem do governo sobre um possível novo entendimento com o FMI.

“Não propusemos nem discutimos isso com o Fundo, mas, como disse o ministro da Fazenda, Pedro Malan, não se deve excluir essa possibilidade”, afirmou uma alta fonte oficial brasileira.

A mais recente declaração do diretor-gerente da instituição, Horst Koehler, publicada no jornal *Financial Times*, de Londres, sublinha mais os obstáculos do que as possibilidades de tal arranjo. Falando sobre o Brasil e a Turquia, Koehler disse: “Nós temos um imenso desa-

fio. Uma grande causa da dificuldade está na política, o que é difícil para o FMI, porque o nosso foco está na economia.”

Nenhuma dessas afirmações significa, no entanto, que as portas estejam fechadas para um eventual entendimento que facilite a complicada tarefa de administrar a crise já configurada. Um alto funcionário brasileiro disse que o

governo não descarta nem conta com tal hipótese. Inevitavelmente, a visita que o presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, fará ao FMI amanhã alimenta especulações. “É

ainda muito cedo para se falar nisso”, disse. “O que tem saído na imprensa é muito especulativo, nasceu de uma pergunta que o presidente do México, Vicente Fox, fez aos candidatos.”

Numa indicação de que o governo estava interessado em ex-

plorar a idéia, o alto funcionário lamentou que o assunto seja tratado publicamente. “A pior coisa que pode acontecer é criar-se uma impressão de que vamos ou queremos ter um programa de transição com o FMI, depois isso não acontece e vão dizer que foi um fracasso. Na hipótese oposta, a expectativa de acordo diminui o impacto positivo, se houver entendimento.”

As bases para um entendimento não seriam triviais, mesmo se não houve o enorme complicador das eleições.

Uma fonte do Tesouro americano indicou ontem que esse caminho poderá abrir-se e ser explorado na medida em que os quatro candidatos continuarem a convergir suas propostas de política econômica e se comprometam em executar um programa sólido, que tenha como foco principal a estabilização fiscal. Idealmente, tal compromisso deveria tomar a forma de um pacto formal, nos termos que Malan propôs em meados do ano passado.

FONTE DO
BRASIL ACHA
‘CEDO PARA
FALAR NISSO’